

Microcrédito a Serviço da Paz (e da Economia)

*Wilson Vamerlati Dutra**

A Organização das Nações Unidas (ONU) proclamou 2005 como o Ano Internacional do Microcrédito, salientando a importância, em todo o mundo, do acesso ao crédito produtivo das pessoas de baixa renda, via de regra excluídas do sistema financeiro tradicional. Esse reconhecimento da ONU deu ao microcrédito o seu verdadeiro status, a saber, o de uma atividade que visa o desenvolvimento das sociedades, em busca de um mundo com menos desigualdades sociais.

Mesmo tendo partido da ONU esse reconhecimento, parece que o ato não teve o mesmo impacto junto à sociedade que o da confirmação, semanas atrás, de que o economista bengalês Muhammad Yunus e o Grammen Bank (fundado pelo próprio Yunus) dividiriam o Prêmio Nobel da Paz de 2006. Isso tem a ver, possivelmente, com o fato de a imagem da ONU estar desgastada, tendo em vista a sua inércia quanto ao posicionamento frente às barbáries que vêm acontecendo no mundo, principalmente na África e Iraque, mas também, talvez, em virtude da própria história do Prêmio Nobel da Paz, freqüentemente considerado com muito respeito e admiração por aqueles que o recebem e pela comunidade internacional.

Mas o que é, afinal, o Prêmio Nobel?

Quando o sueco Alfred Bernard Nobel, no ano de 1895, deixou expresso em testamento que todos os seus recursos financeiros deveriam ser investidos em títulos seguros, objetivando a criação de um fundo a ser distribuído anualmente em partes iguais – como prêmios para quem tivesse se destacado durante o ano nos campos da Física, Química, Medicina, Literatura e Paz, em benefício da humanidade –, provavelmente não imaginou a magnitude que tal recompensa alcançaria em termos mundiais. Para o Prêmio da Paz, diz o testamento do sueco (cf. Nobel, 1895): “...e uma parte para a pessoa que deverá ter feito mais ou melhor trabalho para a fraternidade entre as nações, para a abolição ou redução de exércitos permanentes e para conservação e estímulos de congressos de paz.” No ano de 1900 foi criada a Fundação Nobel e já em 1901 os prêmios começaram a ser entregues.

Em 1968 foi instituído, pelo Banco Central da Suécia, o Prêmio de Ciências Econômicas em Memória de Alfred Nobel, que passou a ser identificado como Prêmio Nobel da Economia. Essa identificação não é aceita pelos descendentes de Alfred Nobel, tanto assim que o prêmio (no mesmo valor dos outros prêmios) é pago com dinheiro público do Banco Central da Suécia e não pela Fundação Nobel.

* Gerente da Organização de Microcrédito Solidário Crediconfiança em São José/SC, é Pós-Graduado em Gestão Estratégica de Empresas pela UFSC; Bacharel em Relações Internacionais pela UNIVALI e atualmente Acadêmico em Ciências Econômicas/ UFSC.

Mesmo assim, a comunidade internacional considera essa recompensa como o sexto Prêmio Nobel.

Muitas pessoas notáveis e diversas entidades (o Nobel da Paz permite que também sejam premiadas entidades) receberam o Prêmio Nobel da Paz nesses 105 anos de outorga. Cabe citar, entre outros, os nomes de Martin Luther King (1964), Madre Teresa de Calcutá (1979), Dalai Lama (1989), Mikhail Gorbachev (1990), Nelson Mandela (1993) e a instituição intitulada Médicos sem Fronteiras (1999). Note-se que por 19 vezes o prêmio não foi atribuído, principalmente nos anos das duas guerras mundiais. Em outros momentos, chegou a ser compartilhado por duas e até três pessoas, como aconteceu em 1994, quando foi dividido entre o líder da Organização para a Libertação da Palestina, Yasser Arafat (Palestina), o Ministro dos Negócios Estrangeiros de Israel, Shimon Peres, e o Primeiro Ministro Yitzhak Rabin, também de Israel, por terem levado a bom termo os Acordos de Paz de Oslo.

Um breve relato sobre a trajetória de Yunus, ganhador, como se falou, do Prêmio Nobel da Paz de 2006, faz-se necessário neste momento. Para isso, deve-se retornar ao final da década de 60, quando Yunus foi aos Estados Unidos fazer doutorado em economia e acabou se tornando professor em universidades americanas. Depois de ter passado algum tempo na América do Norte, Yunus retornou a Bangladesh e observou que a teorização em economia, pelo menos nos seus eixos mais explorados e de maior visibilidade, não se encontrava elaborada de modo a ter utilidade no atendimento das necessidades das populações pobres do seu país.

Essa constatação estimulou Yunus a adotar procedimentos práticos com respeito ao quadro desolador encontrado. Com esse espírito, o personagem em questão empreendeu ações no intuito de conseguir, junto às instituições financeiras locais, a destinação de recursos para empréstimos aos contingentes pobres. As dificuldades enfrentadas acabaram, no entanto, fazendo-o fundar o hoje mundialmente assinalado Grammen Bank (Banco das Aldeias), em 1976. Na esteira dessa iniciativa, Yunus tornou-se amplamente conhecido como o “Banqueiro dos Pobres”, tendo criado o conceito de MICROCRÉDITO, que se refere à concessão de créditos de pequenos valores às populações carentes, de baixa renda. O objetivo, na implementação do microcrédito, não é outro senão o de promover a criação e a manutenção de empregos e a geração de renda nas comunidades mais necessitadas, incentivando o empreendedorismo principalmente junto às mulheres.

Poder-se-ia gastar várias páginas relatando e exaltando a iniciativa desse autêntico Nobel da Paz, cujo prêmio foi concedido sob a justificativa – por parte do comitê que define o vencedor da premiação – de que havia que reconhecer (cf. o The Norwegian Nobel Committee) os “seus esforços para gerar desenvolvimento econômico e social a partir de baixo. O desenvolvimento a partir da base também contribui para o avanço da democracia e dos direitos humanos”. Assinale-se que para conhecer a obra de Muhammad Yunus e o funcionamento do Grammen Bank com

um certo nível de detalhes, é importante se reportar ao livro escrito pelo próprio Yunus, intitulado, justamente e sugestivamente, “O Banqueiro dos Pobres”.

Voltando ao fato da premiação, vale referir ao seguinte aspecto: nunca alguém ganhou dois prêmios Nobel distintos, como, por exemplo, o prêmio de Física e o prêmio da Paz. Será que Muhammad Yunus será o primeiro a realizar este feito, ganhando o da Paz e o de Economia? Motivos para tanto existiriam, certamente, mas poderá ser Yunus reconhecido também como Nobel de Economia, em futuro próximo ou remoto?

Uma ocorrência desse gênero seria importante, dado o alcance da “obra econômica” de Yunus, com a irrevogável opção pelo problemas dos mais carentes. Entretanto, isso parece pouco provável, como as informações abaixo sobre a premiação do Nobel não deixam dúvidas.

Analisando os ganhadores do Prêmio Nobel de Economia, nesses 38 anos de premiação, percebe-se que 58 pessoas foram laureadas. Dessas 58 pessoas, apenas em 1998 alguém de um país não pertencente ao “centro” do sistema capitalista mundial logrou ser premiado. Trata-se do economista indiano Amartya K. Sen. Só os ganhadores norte-americanos somaram 39 indicações como vencedores.

Outro aspecto que não permite muitas ilusões, sobre a possibilidade de alguém que criou o conceito de microcrédito ganhar o prêmio de Economia, é que muitas pessoas vêem o microcrédito tão-somente como assistencialismo social. Isso é claramente um equívoco. Sua finalidade social é muito clara e bem definida, e isso permite afirmar que, definitivamente, não se trata de empreendimento assistencialista.

Mas compreende-se que se constitui num grande desafio ser compreendido e identificado a um modelo alternativo de crédito produtivo e orientado. Para aplicar os conceitos econômicos que permeiam esse tipo de iniciativa seria necessário, talvez, julgar e condenar uma boa parte das políticas econômicas concebidas e implementadas mundo afora. Portanto, é mais fácil – e menos desafiador – posicionar o microcrédito somente na área social, confinando a premiação a esse terreno. Isso evita a incômoda contestação de paradigmas, algo que, de alguma forma, mostrar-se-ia necessário para o reconhecimento de Yunus também no campo da economia, algo necessário para encaminhar uma possível premiação com o Nobel nessa disciplina.

Mas talvez seja precipitado não acreditar que uma tal premiação possa acontecer. Continuar o trabalho sobre o assunto, difundindo o microcrédito e alimentando o interesse em torno dele, mediante a exaltação do seu sucesso, é algo que merece o esforço de quem labuta e milita nesse terreno. O tempo vai provar (se ainda é necessário provar...) que a economia deve servir para promover as condições de vida da sociedade como um todo, e não para reforçar a divisão socioeconômica, com rupturas que agridem o senso comum, como a da indecente exclusão dos que são forçados a viver “abaixo da linha da pobreza”.

Sobre a pobreza, a propósito, vale a pena ouvir o que tem a dizer Yunus: “Acredito, firme e profundamente, que podemos criar um mundo livre da pobreza, se quisermos. Pensem nisso” (Yunus; Jolis, 2001, p. 9-10).

Referências

NOBEL, A. N. *O Testamento de Alfred Nobel*. Paris: 1895. Disponível em: <http://www.nobelpris.org/portugues/index.htm#will>, Acesso em: 20 nov. 2006.

THE NORWEGIAN NOBEL COMMITTEE. *The Nobel Peace Prize for 2006*. Oslo: 2006. Disponível em: http://nobelprize.org/nobel_prizes/peace/laureates/2006/press.html, Acesso em: 20 nov. 2006.

YUNUS, M.; JOLIS, A. *O Banqueiro dos Pobres*. São Paulo: Ática, 2001.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.